

instrumental subordinada a uma racionalidade teleológica, que tenha como centro a dignidade humana, no seu sentido kantiano, de fim-em-si-própria, de fim final (*Endzweck*) da Natureza?

Na verdade, o caso da IA atinge duramente os mitos da neutralidade axiológica da técnica, e coloca sérias sombras sobre as esperanças, alimentadas até por pensadores tão profundos como Herminio Martins, de que possa algures existir uma bifurcação entre uma técnica fáustica – que transforma a humanidade em instrumento da sua própria completude, mesmo que ela acarrete a nossa destruição e a da própria Terra como nossa única casa cósmica habitável – e uma técnica prometeica onde a capacidade de decisão, mesmo que seja no minuto anterior à meia-noite, permaneça em sábias deliberações humanas.

Os argumentos fáusticos, que foram desenvolvidos de modo tão eloquente por Oswald Spengler, há um século, n' *O Declínio do Ocidente*, parecem prevalecer. Eles combinam-se com a madura reflexão de Jacques Ellul no seu clássico ensaio, de 1954, *La Technique: L'Enjeu du Siècle*. Para Ellul, algumas das características da sociedade tecnológica davam razão à tese de Spengler, de que o impulso fáustico para o poder pelo poder, através do alargamento do universo técnico, traduziam a incondicional sede de infinito da alma cultural do Ocidente, que hoje se mundializou de modo incontestável. Três dessas marcas explicam a ausência de limites ao curso futuro da IA: automatismo da escolha técnica; autorescimento; autonomia no sentido mais amplo.

Poderemos vislumbrar alternativas? Claro que sim. A história ainda não acabou. Se a humanidade pudesse encontrar, por exemplo, através da reforma das Nações Unidas, e da elaboração de regimes internacionais vinculativos nas matérias da IA, biotecnologia, nanotecnologia, ambiente e clima, um consenso operacional de governação comum, de cooperação compulsória para evitarmos um mega naufrágio futuro, teríamos razões de esperança. Mas enquanto as democracias escolherem para chefes de Estado analfabetos éticos como Trump e Bolsonaro, ou cínicos imobilistas como a maioria dos líderes europeus, isso não passará de uma utopia para aquecer corações bondosos.

No ponto da história em que nos encontramos, e com as cartas que temos em cima da mesa, apenas podemos humildemente concordar com a metáfora usada por Ralph Waldo Thoreau, na sua obra *Walden* (1854), onde o seu pessimismo sobre a Revolução Industrial era derramado: “Nós não montamos no caminho-de-ferro, ele é que nos cavalga” (*We do not ride on the railroad; it rides upon us*). Nesta analogia, a única diferença é que, no caso da IA, a frase de Thoreau aplica-se com total literalidade. ■

► MIGUEL REAL HOMENAGEADO NA UBI ◀

Na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, realizou-se nos passados dias 7 e 8 um colóquio internacional sob o título genérico “Miguel Real – Literatura, Filosofia, Cultura”. Figura de primeira linha da cultura portuguesa, nas várias áreas da criação literária, do pensamento e do ensaísmo da sua vasta obra, nosso colunista e crítico, com uma presença constante e para nós prestigiante nestas colunas, aqui se publicam, sobre ele e a tal propósito, dois textos de outros nossos dois estimados cronistas

Ler tudo para tudo entender



TIMES & TEMPOS

Onésimo Teotónio Almeida

OJL pediu-me um texto a propósito do colóquio internacional sobre a obra de Miguel Real na Universidade da Beira Interior. Mas vejo-me em situação idêntica àquela em que me senti quando fui convidado a nele participar: não poder de modo nenhum recusar o convite e não saber como inventar tempo para cumpri-lo. A minha participação no encontro só pôde concretizar-se apertando entre aulas mais uma viagem sobre o rio Atlântico (que só é rio quando o atravessamos mentalmente). Neste segundo caso, espremo uma horita entre as sessões de mais um congresso, desta vez a meio do Atlântico, nos meus Açores. Ocorreu-me, porém, uma maneira relativamente airosa de resolver esta quase impossibilidade: em lugar de narrar o ocorrido naqueles dois gostosos dias na serenidade de uma universidade do interior, na Covilhã, por sinal dotada de excelentes infraestruturas e proporcionando acolhedores ambientes de trabalho (há dois anos, com orgulho, o reitor António Fidalgo mostrou-me a biblioteca cheia de alunos quando já ia alta a noite), *reciclar* parte da minha comunicação. Ocupi-me de quatro livros do autor sobre Portugal e a Cultura Portuguesa, num texto que abri assim:

Miguel Real (MR) é um leitor omnívoro, espantosamente atento a tudo o que se vai publicando no país. Não conheço ninguém no Portugal de hoje (há cem anos houve alguém parecido, o meu patrício Teófilo Braga) que tenha conseguido ler tanto do que no país se publica. (Com a diferença fundamental de que MR teve mais um século de livros para ler – e não foram poucos os publicados no século XX; além disso, atirou-se para outras dimensões que faltaram a Teófilo). Mas disso falaremos adiante. Fernando Pessoa criou heterónimos, todavia foi ele quem escreveu toda a obra deles. MR, pelo contrário, aposto que clonou de si mesmo uma equipa de autores que lhe escrevem livros, todos disfarçados com o nome de Miguel Real na capa, pois parece humanamente impossível que um homem só consiga escrever tanto.

Seria veleidade da minha parte tentar referir-me ao conjunto da sua obra. Assim, deixarei de parte a sua ficção, remetendo-a para os críticos que nesse domínio se movem melhor do que eu. Nestes meus comentários, limitar-me-ei à sua escrita ensaística. E, mesmo aí, irei circunscrever-me aos seus ensaios sobre Portugal e a cultura Portuguesa. Merecem um estudo à parte os livros que apodaria de criação filosófica, como são *Uma Nova Teoria do Mal* (2011), *Nova Teoria da Felicidade* (2013), *Nova Teoria do Pecado* (2017). Aliás, cada um deles um estudo de per si. Para qualquer leitor atento, fica óbvio que a sua escrita ensaística não pode de modo algum ser tratada numa análise global. Por isso me restrinjo a um núcleo muito específico do ensaio sobre a pátria, resultante dos seus mergulhos no passado, através da reavistação das obras dos nossos clássicos.

Acrescente-se, aliás, que esse tipo de ensaio não se debruça apenas sobre o nosso passado histórico, pois também se ocupa do futuro, na medida em que MR procura vislumbrar saídas e rasgar portas para a nossa caminhada coletiva. Assim mesmo, terei de admitir tratar-se de uma *tall order*. São já tantos os seus livros sobre esta temática que não deveria sequer atrever-me a tamanho empreendimento. Por isso julgo sensato limitar-me a cinco: *A Morte de Portugal* (2007), *Nova Teoria do Sebastianismo* (2014), *Um País parado no meio do caminho, 2000-2015* (2015), *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017), *Fátima e a Cultura Portuguesa* (2018) e, possivelmente com leves referências a outras obras como *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa* (2005) e *Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa* (2007).

...

Posto este preâmbulo, como creio que um colóquio sobre a obra de uma pessoa viva deve constituir sobretudo uma excelente oportunidade para entabularmos diálogo com ela, em vez de nos limitarmos a aspergi-la de adjetivos – e foram abundantes e deveras merecidos os elogios a Miguel Real – aprovei-

tei para levantar algumas questões, com a intenção sobretudo de levar o intelectual de gabarito que ele é a, nos seus próximos livros, explicar e/ou desenvolver alguns dos seus pontos de vista, respondendo a algumas perguntas específicas provocadas pela leitura dos seus estimulantes escritos. Terminei essa conversa em diálogo com MR voltando-me não mais para a obra mas para o autor incarnado que, na verdade, é Luís Martins de nome, embora na prática seja hoje como se tivesse nascido Miguel Real. Por isso me refiro sempre a MR, já que é essa a pessoa que conheço e com quem tenho tido várias oportunidades de conviver:

Qualquer diferença intelectual e/ou ideológica entre nós é aqui totalmente irrelevante. Neste encontro homenageamos uma grande figura do pensamento português do nosso tempo e eu aceitei vir à UBI por ser um seu grande admirador. Ele sabe disso.

É enorme o apreço que tenho pelo



Se os portugueses fossem todos feitos da argamassa que o forjou, não estaríamos aqui com Portugal na mesa das operações cirúrgicas. Teríamos Portugal num altar e prostrar-nos-íamos de joelhos a adorá-lo

O seu denodado esforço de entender Portugal, de ler tudo o que sobre Portugal tem sido escrito, e o seu comportamento invulgar, tão generoso, atento, compreensivo e positivo, valores da nossa suposta “alma nacional”

seu denodado esforço de entender Portugal, de ler tudo o que sobre Portugal tem sido escrito ao longo dos séculos, e ainda pelo seu comportamento invulgar (até Camões falou na nossa antiga inveja!), tão generoso, atento, compreensivo e positivo, tudo valores que nós apregoamos como fazendo parte da nossa suposta “alma nacional”, embora raramente o assumamos. A minha experiência mostra – e os meus amigos que conhecem MR confirmam – ele é um santo, como Eça dizia de Antero. Não, não é nada vulgar encontrarmos num intelectual de alto gabarito a prática de uma ética irreprensível.

Não sei se terá sido essa afinidade que o levou a escrever um livro sobre um outro intelectual que com ele partilha tal atributo – o filósofo José Enes – para mim uma figura ímpar e tutelada. MR reúne um consenso: nenhum crítico é tão generoso como ele. Primeiro, porque se sujeita a ler atentamente livro atrás de livro, e depois a falar deles rebuscando o que de mais positivo têm. Além disso, o seu trato pessoal é impecável, sem revelar qualquer traço de afetação, tão genuíno ele é. MR extravasa candura, doçura e simplicidade capazes de inspirar ternura.

Este colóquio foi de tudo isso confirmação. Se os portugueses fossem todos feitos da argamassa que forjou MR, não estaríamos aqui com Portugal na mesa das operações cirúrgicas. Teríamos Portugal num altar – em Fátima ou noutro lugar qualquer – e prostrar-nos-íamos de joelhos a adorá-lo.

Mas infelizmente não estamos. Porque MR é, de facto, real, todavia o Portugal real infelizmente não se compõe de 10 milhões de Miguéis Reais. O que, não deixando de ser uma enormíssima pena, faz do nosso país um igual aos outros. Com meia dúzia de heróis e uma cauda imensa de seguidores, de entre os quais um punhado de admiradores como o grupo que fez questão de aqui vir. Para mim, pelo menos, foi ponto de honra comparecer. E paguei a minha passagem aérea por alguma razão. Como dizem os norte-americanos, pus o meu dinheiro onde tenho a boca. Porque, como MR, acho que falar-se de valores e de ética sem uma *praxis* condicente será mera conversa fiada sem qualquer valor ou utilidade. E com Miguel Real a palavra e o ato casam na perfeição. ■



A PAIXÃO DAS IDEIAS

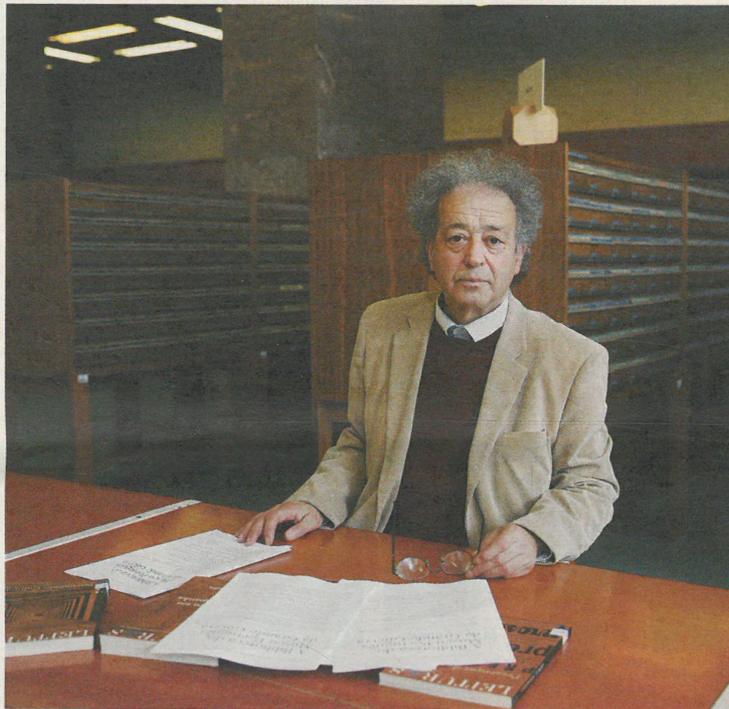
GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

Um autor em demanda de Portugal...

Em boa hora, a Universidade da Beira Interior decidiu promover um Colóquio em torno da obra de Miguel Real (MR). Foi uma excelente oportunidade para a realização de uma reflexão e um diálogo aprofundados em torno da obra de um dos mais persistentes e fecundos ensaístas e críticos no panorama português. Se refiro o ensaísta, não esqueço o romancista, com provas dadas e justos prémios alcançados, porém sendo um cultor da língua e um fino leitor e autor do romance, notamos (e essa é uma qualidade incontestável) que nunca deixa de pensar a cultura e a identidade, como realidades complexas que não podem passar despercebidas. Ora é a perspetiva do ensaísta que ocupará as linhas que se seguem. E as recentes iniciativas levadas a cabo, aquando do centenário do padre Manuel Antunes, permitiram um reencontro com as reflexões de MR, até porque o autor do indispensável *Repensar Portugal* apontou muitas vezes no sentido de compreender a cultura portuguesa não em termos fechados ou retrospectivos, mas em termos integradores de uma complexidade, incompatível como estereótipos ou simplificações.

O humanismo universalista é tudo menos uma marca redutora ou provincialista. Aliás, quando hoje lemos o Padre António Vieira da *Clavis Prophetarum*, tendo em consideração as mais recentes investigações nesse domínio, percebemos que as ideias de povo eleito ou de uma vocação imperial caem por terra – abrindo caminho ao reconhecimento da dignidade humana como património comum e como objetivo a partilhar pela humanidade... E MR nos vários registos da sua escrita e da sua reflexão tem procurado demarcar-se da tentação de uma certa predestinação de um povo ou de uma existência... Deste modo, a leitura marcadamente crítica sobre a mediocridade nacional insere-se na tradição das correntes de pensamento que desde tempos imemoriais olham a nossa realidade numa perspetiva crítica, com a preocupação de assegurar uma séria articulação de esforços, capaz de negar o fatalismo do atraso e de criar condições para podermos viver uma melhor defesa do bem comum.

Fala-se do escárnio e maldizer, do picaresco, do não nos levarmos demasiado a sério, mas também do querer viver ao ritmo do mundo civilizado – os elementos são vários e as personagens da nossa cultura apresentam-se com características contraditórias, o que as



Miguel Real "Um dos mais persistentes e fecundos ensaístas e críticos portugueses, sem esquecer o romancista"

leva a não se eximirem ao sentido fortemente crítico, que não deve ser confundido com puro negativismo. António José Saraiva falava do "estar-se onde não se está", o que leva os portugueses a serem religiosos e heréticos; ortodoxos, mas heterodoxos; emigrantes mas não colonizadores (por força da miscigenação); aventureiros, mas radicados (como na Diáspora); pobres mas generosos; e atrasados, mas crentes num destino (messianismo). De Gil Vicente a António José da Silva, de Garrett a Camilo e Eça de Queiroz encontramos a exigência crítica como contraponto à indiferença ou ao conformismo. E que é o país de suicidas de Unamuno, que hoje já não seria assim entendido, senão a manifestação séria de um inconformismo, que apenas visa combater a passividade e a irrelevância?

A abrir *Portugal – Ser e Representação* MR cita, sintomaticamente, o padre Manuel Antunes: "Reencontrar o antigo, por vezes mesmo o mais antigo para criar algo de novo (...). A nossa história multisssecular de Povo independente é feita de

espaços de continuidade e de espaços de rutura, de períodos de deterioração e de períodos de recuperação, de anos de sonolência e de momentos de crítico despertar, de estados de descrença e de instantes largos de esperança quase tão ampla como o universo"... Uma história antiga, com raízes culturais múltiplas, as alternâncias entre continuidade e recusa, entre altos e baixos (numa ciclotimia de euforia e pessimismo) e o encontro entre vontade e destino – tudo se soma, numa Ibéria em que a nossa "maritimidade" se contrapõe à "continentalidade" de Espanha, projetando nos dois símbolos contrapostos – Fernão Mendes Pinto, como personagem múltipla no mundo, e D. Quixote, como imaginação e sonho. A multiplicidade da aventura da *Peregrinação* sublima-se na vontade do povo que Herculano encontra como explicação da independência e da unidade. O Brasil é a imagem grandiosa da frente marítima europeia de Portugal, enquanto as Espanhas projetam-se na América em múltiplos países, em razão das autonomias metropolitanas...

A Portugal, segundo Eduardo Lourenço, faltou mentalidade europeia desde a segunda metade do século XVI. E o que nos ensinou Antero? A não nos esquecermos no nosso passado (o Messias de Portugal é o seu próprio passado). O sebastianismo, além de prova póstuma da nacionalidade, é uma alucinação mental delirante, sentimentalmente verdadeira e racionalmente falsa, segundo MR. "Como nó central do imaginário português, o mito sebastianista sintetizou os quatro complexos culturais recorrentemente sofridos pelos portugueses: o complexo de Viriato ou viriatino, o complexo de Padre António Vieira ou vieirino; o complexo do Marquês de Pombal ou pombalino e o complexo canibalista, vinculado à inveja individual e à intolerância coletiva. Assim, ainda que de origem histórica profundamente negativa, o sebastianismo constitui igualmente uma espécie de motor ético dos portugueses, forçando-os a acreditarem dever ser o futuro melhor do que o presente, mesmo para que tal se sintam obrigados a fugir da mediocre elite portuguesa, que do País se apodera como uma coutada sua e emigrar como o fazem hoje" (*Nova Teoria do Sebastianismo*, 2013).

Aqui se encontra como que uma síntese, que explica, afinal, a severa crítica em que MR aprofunda a exigência de termos de fazer mais do que meramente nos adaptarmos e que está bem presente no universo romanesco do autor... Como José Mattoso ou Eduardo Lourenço têm dito, não somos nem melhores nem piores do que outros – somos um país médio, com responsabilidades e oportunidades significativas, mas na senda de Herculano tudo depende do que formos capazes de fazer. Um messianismo larvar, a sombra sebastiana, a tensão permanente das contradições do nosso código genético, o uso crítico dos nossos mitos para os podermos superar em emancipação – tudo isto constitui pano de fundo do nosso ser... Esta a base para a célebre "psicanálise mítica do destino português", publicada em primeira mão na revista *Raiz e Utopia*. Miguel Real não é, porém, catalogável. Nós somos realmente uma mistura de fatores contraditórios. E neste ponto, não podemos deixar de recordar a importância que Matias Aires (1705-1763) teve no pensamento do nosso autor. Para o filósofo luso-brasileiro, a verdadeira felicidade não é a ilusória: do poder, da riqueza e da fama; é, sim, a "da aproximação incessante à verdade, exigindo o desmascaramento da vaidade individual e social, findando no estado interior de serenidade de quem sabe (...) que tudo é vaidade"... JL

JOSE CARLOS CARVALHO